

## **Simpósio: A presença da sociologia no currículo de ensino médio: ciência e consciência**

Organização/Proporsta: Sociedade Brasileira de Sociologia

Coordenador e Expositor: Amaury Cesar Moraes (USP),

Demais expositores: Ileizi Fiorelli Silva (UEL)

Néri Aparecida de Souza (UNICAMP)

E m e n t a  
A inclusão da Sociologia nos currículos do ensino médio tem provocado um debate sobre os sentidos da formação de professores em nossos cursos de ciências sociais. Como aliar os propósitos de pesquisa com os de ensino? Como formar excelentes pesquisadores e professores para todos os níveis de ensino? As pesquisas e as reflexões realizadas demonstram que a formação para o ensino tem sido negligenciada na maioria dos cursos de graduação que oferecem duas habilitações: bacharelado e licenciatura. Nas ciências sociais isso foi agravado pelo fato da sociologia ainda não ter um lugar seguro nos currículos.

Dessa forma, há um desafio crucial para os cursos de ciências sociais que devem continuar aprimorando a formação do pesquisador nas diferentes áreas (antropologia, ciência política e sociologia), além da formação do professor, primeiro o que também será formador em instituições de ensino superior e, segundo, o que será professor na educação básica. É a respeito desta segunda modalidade que propomos discutir neste simpósio, com o objetivo de encontrar caminhos que permitam criar maneiras de implementar projetos pedagógicos que desenvolvam pesquisas e atividades voltadas para a formação do professor da educação básica, que deverá ter um perfil não só de pesquisador mas, sobretudo, de educador, de quem sabe ensinar a ciência para as fases intermediárias de escolarização, como são o ensino fundamental e médio. Nesta perspectiva, o ensino da sociologia, segundo os princípios teóricos e metodológicos que a caracterizam enquanto ciência, permitiria ao estudante ter clara consciência das mudanças da sociedade contemporânea, adquirindo condições para nela se situar e agir.

### **Formação do professor de Sociologia do ensino médio: para além das dicotomias**

Prof. Dr. Amaury Cesar Moraes – FEUSP/SBS

Como bem destaca a ementa deste simpósio, ainda vivemos no campo das ciências sociais dicotomias que nutrem uma certa hierarquização entre profissionais (Bourdieu, Pierre (2003) “I. Método científico e hierarquia social dos objetos”, In Catani e Nogueira (orgs.) *Escritos de Educação*, Petrópolis: Ed. Vozes 2003): pesquisador X professor, bacharelado X licenciatura, pesquisa X ensino. Que isso seja comum em outras áreas, parece senão normal, ao menos o *modus operandi* das competições que move o mundo do mercado que invade o mundo acadêmico. No entanto, menos por uma razão muita vez suposta, mas muito fundada em preconceitos de natureza ideológica, na relação entre Sociologia e socialismo e muito mais numa necessária postura crítica do campo das Ciências Sociais, essa aceitação de *distinções* assim fundamentadas, que trazem mais prejuízos que ganhos, deveria ser questionada e fazer ver que nada contribui para que ambos os termos dessas dicotomias realizem-se plenamente. Primeiramente, a condição de país periférico, que ainda somos, não permite que as

empresas estrangeiras instaladas no Brasil financiem centros de pesquisas, importando em boa medida a tecnologia de que precisam direto das matrizes, resultando disso que as instituições de ensino superior sejam maior parte dos centros de pesquisa e a maior parte dos pesquisadores são contratados como professores. Nesse caso, a distinção vem afastando pesquisadores que poderiam ser bons professores do contato com alunos da graduação, pois como subproduto disso temos animado o desejo latente de dar aulas exclusivamente na pós-graduação. Isso poderá reverter em dificuldades de recrutamento de novos pesquisadores ou acabará produzindo mesmo no bacharelado outras distinções, por exemplo, entre quem faz iniciação científica e quem não faz... A obrigação de bolsistas da CAPES de realizarem preparação pedagógica e estágio de docência é em boa medida denúncia e tentativa de correção dessa mazela.

Um outro ponto importante é a relação entre bacharelado e licenciatura: a concepção original de que ao professor bacharel bastaria um verniz pedagógico apenas, munindo-o de algumas “técnicas” de ensino não encontra mais legitimidade, ao menos não corresponde à verdade dos fatos. Se lá nos anos 1930, quando foram criadas as primeiras universidades brasileiras a “sólida formação do bacharel” era uma realidade e não havia estudos de educação consistentes, podia-se mesmo resumir-se a formação do professor ao bacharelado; no entanto, hoje essa sólida formação virou apenas um clichê – dada a indigência cultural com que vêm os alunos do ensino médio para as universidades – assim como os estudos das Ciências da Educação evoluíram muito e podem ser tomados como referências importantes para a atuação do professor: pesquisas no campo da Sociologia da Educação, da História da Educação (e no nosso caso da Educação brasileira), da Psicologia da Educação e mesmo da Didática e Metodologias do Ensino, para ficar em apenas alguns ramos... O passo decisivo aqui seria ligar esses dois termos e não investir na dicotomia. Como professor de Metodologia do Ensino, tenho pensado seriamente nas relações possíveis entre metodologia de pesquisa e metodologia do ensino.

Como professor de uma Faculdade de Educação tenho acompanhado os esforços que colegas de Ciências Naturais, por exemplo, desenvolvem na tentativa de relacionar essas duas linhas de atuação, mesmo que muitas vezes inspirados por tendências da Psicologia da Educação na moda – como é o construtivismo. Mas vejo que mesmo entre as Ciências Humanas, os estudos historiográficos têm modificado muito as orientações de ensino de História já no ensino fundamental e médio – os conteúdos desse ensino tem-se preocupado menos com a história narrada e mais com a discussão de fontes e métodos de pesquisa... Pensando nisso, entendo que alguém que queria ser professor da educação básica não pode deixar ser um pesquisador, caso contrário tornar-se-á presa do livro didático, pois começa-se a perder a autonomia para escolher os exercícios, passa-se logo para a perda da autonomia para decidir sobre textos, e rapidamente perde-se o controle sobre os temas do curso. Tudo isso mediado pela fala do autor do livro, de modo que o professor é agora um reprodutor do discurso, um papagaio, carregador de manual... Aqui seria sempre bom lembrar o primeiro passo da proletarização: a separação entre o trabalhador e os meios de produção...

Quando participamos da equipe que elaborou as OCN-Sociologia, nossa preocupação central foi com a formação dos professores e por isso vimos nas OCN, como o próprio nome diz – Orientações Curriculares – a oportunidade de contribuir para essa formação, trazendo não uma proposta nova, mas uma perspectiva inovadora ao discutir com mais profundidade o sentido das escolhas dos professores quando vão elaborar uma proposta curricular: 1) o nível teórico – a teoria social como modelo explicativo ou compreensivo da realidade e não sua hipóstase; 2) o nível conceitual – os

conceitos como sendo elementos da linguagem sociológica, entendendo-se as teorias como discursos sobre a realidade; 3) o nível temático – o empírico, a realidade concreta imediata. O que quisemos pôr em relevo foi que a tendência predominante à escolha da perspectiva temática deveria levar em conta a necessidade das mediações, os níveis teórico e conceitual, condição para que a aula saísse da conversa de botequim, do senso comum, do puro exercício da discussão e exposição de opiniões e assumisse um caráter escolar efetivo: fundamentada, crítica, elaborada, contribuindo para uma maior racionalização sobre o mundo, permitindo ao aluno fugir ao aparentemente caótico, mas compreendendo sua inteligibilidade garantida o domínio de uma nova linguagem, de argumentos e esquemas explicativos, criando um elo entre a ciência e a consciência de si e do mundo. Aqui vejo a oportunidade de o professor desenvolver essa dupla formação, como professor e como pesquisador, pois há um campo imenso, ainda pouco explorado por detrás dos convencionais conteúdos de ensino de Sociologia: falar da realidade imediata do aluno para o aluno pode não passar de reiteração, de discussão circular e, no fim, pensando em estar “conscientizando” os alunos, acaba-se na verdade, muita vez, anestesiando-os; também apresentar as teorias sociológicas pode não passar de uma busca de legitimidade das mais discutíveis, só garantida entre os iniciados. Trata-se de relacionar os problemas que os autores viviam com as explicações que buscavam, ou seja, o que faziam, o método que construía (ou percorriam). A quase unanimidade das pesquisas sobre ensino de Sociologia tem sido sobre o processo de institucionalização da Ciência ou da disciplina escolar quando faltam informações sobre os processos internos às salas de aula – básicas e superior.